


## Estudo aponta crescimento da classe média

*A Nova Classe Média: o lado brilhante dos pobres* mostra que 13,1 milhões de pessoas passaram a integrar as classes C e AB, em 21 meses, no País.  economia 1 e 2

# Classe média cresce no Brasil

**CONJUNTURA** Estudo realizado pela FGV aponta expansão das classes AB e C no País como responsáveis pela redução da desigualdade

**A**s classes AB e C continuam crescendo no Brasil. Aproximadamente 13,1 milhões de brasileiros passaram a fazer parte das classes C e AB nos últimos 21 meses, contando até maio deste ano, como mostra o estudo A Nova Classe Média: o lado brilhante dos pobres, lançado ontem pela Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo. O trabalho foi coordenado pelo economista Marcelo Neri.

"No Brasil, a renda das famílias está crescendo mais do que o Produto Interno Bruto (PIB)", aponta o economista Marcelo Neri, como um dos fatores que contribuíram para essa ascensão social. O PIB mede todas as riquezas produzidas num país. Desde 2003, a renda registrada na Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) cresce 1,8 ponto porcentual por ano acima da renda média per capita do PIB, que foi de 2,88 p.p.

Nos últimos 21 meses, a classe C apresentou um crescimento de 11,1%, enquanto as classes A e B registraram um aumento de 12,8%. A pesquisa considera classe A o indivíduo com uma renda familiar acima de R\$ 6.745; classe B a residência que tem um rendimento de R\$ 5.174 a 6.745; e C o grupo familiar que recebe entre R\$ 1.200 e R\$ 5.174.

O estudo mostra que em 2009 o Brasil tinha 94,9 mi-

lhões de pessoas na classe C enquanto em maio deste ano ela era formada por 105,4 milhões de pessoas. No mesmo período, as classes AB saíram de 19,9 milhões de pessoas para 22,5 milhões. Encolheram as classes sociais D e E, que eram formadas por 73,2 milhões de pessoas em 2009 e agora têm 69,5 milhões.

Especializado em consertar motos, o mecânico João Pedro de Araújo Neto faz parte de uma família que chegou à nova classe C. Há três meses, ele conseguiu voltar a trabalhar com a sua carteira assinada e isso implicou num acréscimo de renda. "O salário está melhor, porque o meu ramo está em expansão e estão aumentando os rendimentos de quem tem alguma experiência", contou.

A cozinheira Jeanine Ferreira da Silva conta que a sua vida melhorou muito. Aos 41 anos, ela teve um trabalho com carteira assinada há dois anos. "Ganhava R\$ 200 por mês sem férias e 13º. Hoje, ganho R\$ 600 e trabalho das 8h às 16 horas", conta. Mesmo na mesma classe (E), ela se diz feliz.

Mesmo com a ascensão de milhares de brasileiros, o estudo mostra o quanto o País é desigual, fazendo um ranking das cidades que têm mais classe e menos classe A no País. Os municípios que têm uma maior participação da classe A estão no Sul ou Sudeste do País. A campeã foi a cidade de Niterói,

com 30,7% dos seus habitantes nessa classe social. Ainda nessa lista, de Pernambuco, só aparecem Recife com 13,6% de classe A e Fernando de Noronha, com 13,31%.

Já na lista dos municípios que têm menos classe A, o terceiro colocado é o município pernambucano de Quixaba, a 434 quilômetros do Recife. Naquela cidade, 0,03% da população é da classe A, perdendo apenas para as cidades de Água Nova (Rio Grande do Norte) e de Assunção do Piauí, que tem zero de classe A. Os municípios nordestinos dominam a lista das cidades com menos classe A e o próprio estudo cita que há uma menor desigualdade nas cidades do Sul e Sudeste.

# Inflação não influencia na redução da pobreza

**CONJUNTURA** Brasil é o único país entre os Brics onde a renda dos mais pobres cresce em ritmo maior. Experiência está sendo apontada como um modelo para outras nações

**S**ÃO PAULO – O crescimento da classe C observado nos últimos anos no Brasil se mantém firme nos primeiros meses de 2011. Estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostra que 3,7 milhões de pessoas entraram nesse grupo entre maio de 2010 e maio deste ano. Esse crescimento ocorreu devido à saída de 1,8 milhão de brasileiros das classes D e E (renda de até R\$ 1.200) e à queda de 3,4 milhões de pessoas das classes A e B (renda acima de R\$ 5.174).

O economista Marcelo Neri, autor do estudo, diz que a população da faixa de maior renda varia mais e havia crescido muito no ano anterior, o que poderia explicar a redução nos últimos 12 meses.

Ele não considera que a contração recente das classes A e B indique um reversão da melhora de renda no país.

Neri observa que nem mesmo

o aumento da inflação está afetando a redução da pobreza e prevê que o processo continuará firme ao longo do ano devido ao mercado de trabalho aquecido.

“Como é uma inflação de salário, o salário está indo na frente e o trabalhador não sentiu ainda. O Brasil vai melhor para a população do que para os economistas”, disse.

A pesquisa da FGV aponta ainda que o crescimento econômico tem beneficiado mais a população no Brasil do que em outros países emergentes.

Enquanto a desigualdade caiu fortemente aqui nos últimos anos, ela tem crescido significativamente nos demais Brics – grupo que inclui Rússia, Índia, China e, mais recentemente, também a África do Sul.

O Brasil é único deles onde a renda dos mais pobres tem crescido em ritmo maior do que a dos mais ricos. Nos anos 2000, os

---

Nos anos 2000,  
os mais pobres  
aumentaram sua  
renda em 70%

---

50% mais pobres aumentaram sua renda em 70%, enquanto os 10% mais ricos, em 10%.

Segundo Neri, o aumento da escolaridade dos brasileiros é o principal motivo da redução da desigualdade, mas os programas de transferência de renda também contribuem. Apesar disso, o Brasil continua sendo muito desigual e, entre os Brics, só fica atrás da África do Sul, afirma o pesquisador.

## MODELO

O processo brasileiro estaria

despertando a atenção dos outros integrantes dos Brics, às vezes com os problemas da excessiva concentração de renda. Na África do Sul, observou Neri, a concentração de renda piorou após o apartheid, contrariando quase todas as expectativas.

Na avaliação dele, o Brasil tem conseguido reduzir as desigualdades sociais graças à estabilidade democrática, ao controle da inflação, aos avanços na área educacional, a programas de transferência de renda – como o Bolsa Família – e ao fortalecimento do valor do salário mínimo e das aposentadorias. Ele também citou o efeito da queda na taxa de fecundidade, com a redução do número de pessoas por família.

Desse conjunto, o fator mais importante, seria a educação. “Se todos os outros fatores se mantiverem estáveis, a educação garante, sozinha, um crescimento de 2,2% na renda.”



**ASCENSÃO** Com carteira assinada, João Pedro (E) integra a nova classe C. Já Jeanine viu renda aumentar, mas continua na classe E